

MÁ ALIMENTAÇÃO: FATOR QUE INFLUENCIA NA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Poor feeding: a factor that impairs the learning abilities of children from a public school

Mirna Albuquerque Frota¹, Emanuela Galvão Pásco², Maria Dasdores Monteiro Bezerra³,
Mariana Cavalcante Martins⁴, Mariana Cavalcante Martins⁵

RESUMO

A sociedade brasileira é resultante da conjugação de fatores econômicos, sociais e culturais que podem influenciar na miséria e, conseqüentemente, na desnutrição, ocasionando déficit na aprendizagem do escolar. Objetivou-se investigar a influência da má alimentação nas crianças de uma escola da rede pública sobre a aprendizagem do escolar. Pesquisa descritiva, exploratória, realizada em uma Escola Pública - Fortaleza - CE, com seis professoras da Educação Infantil. Para a coleta de dados, utilizou-se a observação simples e a entrevista semi-estruturada, emergindo categorias após análise dos dados: Desnutrição na criança escolar; Buscando maximizar relações; Alimentação interferindo na aprendizagem e Merenda escolar uma utopia. Observou-se que as crianças desnutridas ou com carência alimentar possuem dificuldades de assimilação e que a fome dificulta a capacidade de concentração comprometendo o rendimento. Conclui-se que a política educacional brasileira necessita de mudanças no que se refere à alimentação das crianças em idade escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Má alimentação. Alimentação Escolar. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Nos primeiros anos de vida, é importante que a criança seja estimulada a desenvolver suas potencialidades. É neste período que uma alimentação equilibrada e sadia

ABSTRACT

The Brazilian society is the result of the interplay of economical, social and cultural factors that may lead to misery and malnutrition, with consequent impairment of school learning. We investigated the influence of poor feeding of pupils from a public school on their learning performance. This study was a descriptive exploratory research undertaken in a public school of Fortaleza, CE, Brazil, with six teachers of childhood education. Data collection was through simple observation and a semi-structured interview, with the production of the following categories after data analysis: malnutrition in schoolchildren; seeking to maximize relations; feeding interfering with learning; and school dinner, a utopia. Malnourished or poorly nourished children found it difficult to assimilate content. Hunger was found to reduce concentration and impair school performance. The Brazilian educational policy needs changing as far as the feeding of schoolchildren is concerned.

KEY WORDS: Malnutrition. School Dinner. Learning.

se faz necessária, sendo um dos diversos componentes para preparar uma base sólida para crescimento e desenvolvimento satisfatórios, pois a nutrição é fator essencial aos seres humanos de forma global. Nessa perspectiva, torna-se necessário estabelecer relações diretas a respeito

¹ Mirna Albuquerque Frota, doutora em enfermagem. Docente da graduação e do mestrado em saúde coletiva da Universidade de Fortaleza - UNIFOR. E-mail: mirnafrota@unifor.br.

² Emanuela Galvão Pásco, especialista em Saúde Pública. Secretária de Educação de Fortaleza - Ceará.

³ Maria Dasdores Monteiro Bezerra, especialista em Saúde Pública. Secretária de Educação de Fortaleza - Ceará.

⁴ Mariana Cavalcante Martins, mestre em Saúde Coletiva. Discente do curso de doutorado em enfermagem da Universidade Federal do Ceará - UFC. Bolsista da CAPES.

⁵ Mariana Cavalcante Martins, mestre em Saúde Coletiva. Docente da Faculdade do Nordeste - FANOR.

dos agravos que podem comprometer o desenvolvimento físico, social, afetivo e psicomotor de uma criança quando vivencia a falta do alimento ou possui uma alimentação inadequada.

A desnutrição infantil é uma das mais significativas patologias tornando-se problema de saúde pública, sendo de origem multicausal, tendo como uma das principais origens o fator social, o qual engloba as condições e qualidade de vida (LOPES; VIEIRA, 2005; UNICEF, 2003). Crianças desnutridas apresentam limitações de aprendizagem, não respondendo adequadamente aos estímulos, reduzindo o interesse diante do ato de brincar e explorar o novo.

O levantamento realizado pelo Ministério de Desenvolvimento Social - MDS (2005), em parceria com estados, municípios, Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF e universidades, constatou redução na desnutrição infantil no semi-árido cearense. O índice, que era de 17,9%, em 1996, caiu para 8,6%, em 2005, dado este justificado pelos efeitos positivos dos programas de transferência de renda, como o “Bolsa-Família” (MDS, 2005). No entanto, embasado na vivência, ainda existe um quantitativo considerável de desnutridos na periferia de Fortaleza, ainda não quantificado.

Mediante prática dos autores, percebeu-se, na sala de aula, que crianças com dificuldade em concentração, problemas com a coordenação motora e comprometimento na aquisição/formulação do conhecimento, possuem alimentação insuficiente e inadequada. As mães relatam a incerteza da disponibilidade financeira para adquirir refeições básicas - café-da-manhã, almoço, jantar-, optando por alimentos como: pão, ovos e suco de pacote para o almoço, sendo, portanto, a primeira refeição responsabilidade da escola. Assim, é possível constatar que, além da falta de recursos financeiros para o alimento, o mínimo que possuem não é utilizado em alimentos saudáveis.

O educador tem papel fundamental nas questões referentes à aprendizagem, mas, sobretudo, na sensibilização da importância de uma alimentação satisfatória e adequada, condizente com a realidade de cada criança em idade escolar. No entanto, o fato de o educador permanecer inerte a esta situação dificulta e torna inviável a qualidade de vida das crianças, as quais, por lei, têm direito à educação e alimentação, o que, conseqüentemente, é negar-lhes o direito à vida com dignidade.

Como associar infância ao brincar, se a desnutrição inviabiliza esta prática, tornando a criança frágil, vulnerável aos vários tipos de doenças, apáticas e sem vigor físico, comprometendo etapas importantes para uma vida adulta saudável? A alimentação é fator imprescindível na

aprendizagem, pois a fome poderá reduzir o rendimento formal do aluno.

Dada a importância do conhecimento do desempenho escolar de crianças, este estudo teve por objetivo investigar a influência da má alimentação, nas crianças de uma escola da rede pública, sobre a aprendizagem do escolar.

METODOLOGIA

Este constitui um estudo descritivo, de natureza qualitativa, uma vez que compreende problemas da vivência diária do sujeito, portanto, dados subjetivos com universo de significados, motivos, crenças e valores, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (LEOPARDI, 2002; MINAYO, 2004).

O cenário foi constituído por uma escola pública, situada na periferia da cidade de Fortaleza-Ceará, que possui 1500 alunos matriculados com características socioeconômicas precárias, cujos pais, na sua maioria, possuem Ensino Fundamental incompleto e são acometidos pelo desemprego e/ou trabalho autônomo, tendo a renda variando entre R\$100,00 e R\$200,00 reais.

Os participantes da pesquisa foram seis professoras da Educação Infantil dos níveis infantil IV e V, identificadas no texto por cognomes (P1, P2,...P6), no período de junho a agosto de 2004.

A técnica utilizada para a coleta foi a da observação participante, sendo possível captar uma série de indicadores não facilmente obtíveis por meio de entrevistas, uma vez que expressam a subjetividade do pesquisador com relação ao fenômeno em estudo (MINAYO, 2004). Posteriormente, utilizaram-se as entrevistas semi-estruturadas, que foram mediadas por questões-chaves que queríamos ver respondidas com intuito de orientar a discussão (THIOLLENT, 2007).

A análise de dados caracterizou-se pela descrição das falas dos informantes, bem como das observações participantes e da saturação de ideias que nos serviu como mediação para delimitar o número de entrevistas e categorização das falas, e, por último, a síntese do pensamento, análise da configuração, interpretação dos achados e formulação criativa dos achados, que fez emergirem as categorias empíricas.

O estudo foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza - UNIFOR, com o Parecer de nº 201/2004, seguindo os preceitos éticos, de acordo com os requisitos da Resolução 196/96 e outros instrumentos legais e deontológicos.

Análise e discussão dos resultados

O exame detido dos relatos revelou peculiaridades relativas à situação nutricional dos escolares, à relação interpessoal dos alunos, bem como à alimentação do escolar e seu contexto influenciando na aprendizagem.

Má alimentação na criança em idade escolar

A carência alimentar da criança foi percebida por alguns professores no cotidiano em sala de aula. No entanto, as características observadas na pesquisa revelam hipoatividade, baixo desempenho intelectual ocasionando comprometimento do rendimento escolar, comprometimento físico relacionado a fraqueza, cansaço, desânimo, dentre outros sintomas. Relatos demonstraram ainda que a má alimentação apresenta sinais como possuir “olho fundo”, assim como dificuldade em conciliar o aprendizado, comprometendo o raciocínio e o cognitivo, retratado nos seguintes discursos:

As crianças na maioria das vezes são sonolentas se cansam muito facilmente e o raciocínio é extremamente lento (P1);

Dentro de sala de aula fica muito difícil, porque eles têm muito sono, ficam fracos, não participam porque não tem força, até mesmo a parte motora fica fragilizada (...) Além de chegarem à escola com fome, ainda andam quilômetros para vir a escola, já chegam desfalecidas, interferindo na aprendizagem (P3).

Sabe-se que inúmeros fatores estão envolvidos no fracasso escolar, sendo estes em sua maioria decorrentes do âmbito escolar, tais como: más condições de vida e subsistência de grande parte da população escolar brasileira, bem como as péssimas condições econômicas, responsáveis dentre outros fatores pela fome e desnutrição; a falta de moradias adequadas e de saneamento básico, enfim, todo o conjunto de privações com o qual convivem as classes sociais menos privilegiadas surge como o elemento explicativo fundamental (MOYSÉS E LIMA, 1982).

Geralmente eles são agitados, muito fracos, e quando a gente pede para desenvolver alguma atividade eles até tentam porque têm boa vontade de aprender, mas como a carência alimentar é muito grande, é como se não tivessem força para desenvolver nada então não conseguem resolver as atividades (P4).

As evidências da desnutrição, no início da vida, levam, quase sempre, a uma perda irreversível do potencial in-

telectual. A maioria das crianças desnutridas provém de meio-ambiente em que a má nutrição, a pobreza, a fome e a ignorância são concomitantes e, muitas vezes, sofrem não só da falta de alimentos, mas sobretudo de carência de estímulos psicossociais (FERREIRA, 2000; COLLARES; MOYSÉS, 1992).

O cuidado prévio do estado nutricional da criança é relevante, devendo ser acompanhado por um profissional da saúde, por meio de consultas periódicas e sistemáticas, sendo também um momento de esclarecimento materno, pois todos os órgãos, assim como todos os tecidos, cérebro e os ossos são formados durante o período que vai da concepção até os três anos de idade, sendo delineados os potenciais físico e intelectual da criança, que poderão ser comprometidos em decorrência da má nutrição.

Para tanto, um aliado nesse processo é a percepção da professora que identifica fatores relacionados à má nutrição infantil, tendo em vista o contato diário, proporcionando a detecção precoce de complicações futuras. Como demonstra a fala seguinte: *As crianças parecem aéreas, falam muito pouco, falta coordenação até para pegar no lápis, é difícil trabalhar (P5).*

Buscando estreitar relações

A criança busca estreitar relações por meio das brincadeiras, porém, em alguns casos, observou-se o sentimento de exclusão, que pode estar relacionado à característica de hipoatividade da criança. Nessa condição, a modificação do estado nutricional para obter dinamismo é um processo lento, impossibilitando ao infante desempenhar exercícios intensos, tais como: correr, pular, jogar bola, dentre outros.

Eles participam das brincadeiras, mas pelo fato da sua vida ser tão sofrida, não têm muito ritmo, não aguentam correr muito, reclamam de dor nas pernas. Tem um “menino de rua” que a mãe colocava para pedir esmola, ele é maltratado, vem para a aula todo rasgadinho, e está só o couro e o osso não tem nem ânimo para brincar (P1).

A atividade lúdica é uma estratégia na formulação de conceitos, que são primordiais para o emocional, social, moral e cognitivo, possibilitando o aprendizado e o respeito pelos colegas, os significados das regras, a noção de limites, o valor da cooperação e do fato de saber trabalhar em grupos, sendo, portanto, uma forma prazerosa de aprender (FROTA *et al.*, 2007).

A criança e o adolescente têm o direito de proteção à vida, à saúde, e ao lazer, mediante a efetivação de políticas

públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência.

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, nessa noção conceitual, o desenvolvimento infantil vai muito além dos cuidados de saúde, pois a criança necessita de estímulos para desenvolver habilidade social, cognitiva e emocional (BRASIL, 2005). Esses cuidados com a sobrevivência, o crescimento e o desenvolvimento infantis contribuem para o complexo processo de capacidade humana.

Eles têm vontade de se tornarem iguais, desenvolverem as mesmas coisas deles e quando não conseguem, isso muitas vezes gera frustração, que gera agressão, porque os outros tendem a mexer, é uma forma de auto-defesa (P4).

Não são agressivos, são isolados, é preciso está sempre estimulando. Não têm iniciativa, nem liderança (P6).

Elas são apáticas. Não têm resistência, não existe a interação, a socialização dessas crianças. Elas ficam completamente debilitadas, não tem resistência para brincar porque a energia vem do alimento e se falta este alimento, a resistência física se acaba, dentro desse processo de aprendizagem as horas que eles têm de folga tiram para dormir pela necessidade do físico (P3).

Os determinantes sociais e econômicos condicionam situações de vida desfavoráveis para o ser humano, sendo um paradoxo quando se fala em desenvolvimento sadio. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) possui um discurso coerente, porém de concretização difícil.

A infância é a fase do lúdico, da fantasia e da brincadeira, sobretudo, que é uma valiosa ferramenta para o aprendizado e o desenvolvimento saudável da criança. Assim, surgem o conhecimento do mundo ao redor e a possibilidade de escolhas para o presente e o futuro, pois a criança aos poucos toma consciência dos objetos, pessoas e relações de que compartilha. Portanto, o ato de brincar desenvolve diversas habilidades, como a autonomia, que inicia na infância e se torna contínua de acordo com a experiência individual (FROTA *et al.*, 2007).

Alimentação interferindo na aprendizagem

Notou-se o desafio para a criança em romper a barreira que inibe a capacidade de aprendizagem caracterizada por um dos fatores predominantes - “fator fome”, violando assim o direito de ter uma alimentação adequada. Segundo o Instituto Cidadania/Fundação Djalma Guimarães

(BRASIL, 2001), suprir as necessidades nutricionais da criança melhora a capacidade no processo de aprendizagem, reduzindo a repetência escolar.

Nas observações de campo, percebeu-se a dificuldade de uma criança de cinco anos de idade em realizar e concentrar-se nas atividades em sala de aula, nas quais esta faixa etária é caracterizada por apresentar uma maior concentração nas atividades (PAIM, 2003). Neste estudo, percebeu-se a interferência do estômago vazio na concentração da criança: “professora não tô conseguindo fazer, tô sentindo uma coisa ruim, tô vendo tudo escuro. Tá perto da hora da merenda?”. E a professora justifica a queixa da criança: *As crianças são muito inquietas e não é fácil atrair sua atenção, onde cheguei a conclusão que ela não tinha como se alimentar bem com tanta gente para comer e, muitas vezes o pouco que tem é mal administrado, pois tem muito deles que trazem refrigerante, xilitos e pirulitos (P1).*

Para o Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF, a pobreza está ligada ao acesso inadequado a serviços sociais básicos, significando mais do que renda insuficiente para cobrir as necessidades mínimas da família - como saúde frágil, baixa escolaridade, discriminação, e marginalização, que também são indicadores de pobreza (UNICEF, 2001).

Tem um caso que observamos onde o cognitivo dele não era comprometido, então nós vimos que era um caso sério de desnutrição. Então exigimos da mãe que ela ganha a bolsa escola que procurasse um especialista e ela assim o fez e também foi atendido pelo psicólogo porque além da desnutrição ele apanhava bastante porque a mãe achava que era preguiça de fazer as coisas. Então a nutricionista exigiu que ela seguisse aquela alimentação. E então hoje ele está lendo. Nós tivemos uma alegria muito grande porque hoje ela já acompanha com mais facilidade (P4).

A pobreza apresenta-se visível, segundo professoras desse estudo, onde é notável a falta de recursos financeiros/materiais. Mostra-se também invisível, sob o caráter de privação social e cultural, como falta de oportunidades de emprego e educação, carência de serviços de saúde de qualidade e ausência de serviços públicos. A criança é a mais atingida pela pobreza e conseqüentemente, apresenta distúrbio de aprendizagem.

Corroborando com a caracterização socioeconômica dos pais deste estudo, Reis *et al.* (2004) afirmam que quanto menores a renda familiar e o grau de escolaridade da mãe, maior é o índice de desnutrição, indicando necessidade de implantação de programas de vigilância nutricional dentro da escola, com profissional qualificado com intuito

de manter e promover a saúde do escolar, por meio da Educação em Saúde e desenvolvimento da consciência crítica, sendo incorporada nas atuais práticas de políticas públicas de saúde.

Alimentação escolar - uma utopia

A alimentação escolar não tem o papel de combater a desnutrição, mas é uma das ferramentas que possibilita o aprendizado, no cenário escolar, proporcionando conforto e bem-estar ao aprendiz, prevenindo a dispersão na aula por consequência da fome, pois esta, na maioria das vezes, é a única alimentação do dia para a criança (COSTA *et al.*, 2001).

No dia que tinha merenda eles comiam de quatro a cinco pratos, às vezes a escola tinha uma certa resistência, a professora tinha que entrar e falar da realidade daquela criança, porque muitas vezes aquela criança só tem aquela alimentação da escola durante todo o dia (P3, 4).

Para Sawaya (2006), a merenda pode resolver a “fome do dia”, pois estômago vazio compromete a capacidade de atenção, diminuindo a disposição de viabilizar a aprendizagem de qualquer ser humano. De acordo com a finalidade do Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE, também chamado como programa da merenda, que é promover hábitos alimentares saudáveis, podem-se utilizar diversas situações nas quais as atividades educativas em nutrição podem ocorrer, visando a promover a saúde e possibilitar aquisição de conhecimento (BRASIL, 2006).

A alimentação, principalmente nas creches, favorece a modificação de hábitos alimentares, por facilitar a aceitação de novos alimentos, sendo importante a implantação de programas de educação nutricional nestas instituições para promover uma melhora na qualidade da alimentação infantil (VALLE; EUCLYDES, 2007).

A alimentação não é bem feita, as pessoas que fazem não são qualificadas. Muitas vezes as crianças comem uma sopa tão sem gosto que eles estragam, é comida jogada fora. Uma carne, que não tem qualidade, não vem tempero, por isso eu não culpo a merendeira porque ela não pode fazer uma coisa que ela não tem. Às vezes fazemos uma cota para comprar verduras, para dar gosto aos alimentos, mas não é certo, porque isso é público, vem verba pra isso, muitas vezes chega aqui pão mojado que tem que ser devolvido (P2).

Segundo o PNAE (2006), o escolar tem direito a uma alimentação em quantidade e qualidade suficientes para

atender a necessidade nutricional no período do dia em que este permanece na escola, possuindo assim características peculiares na perspectiva de assistência nutricional.

Ficam em fila para receber a merenda. Aqueles alunos que não se alimentam em casa demonstram mais interesse pela merenda (P2);

Seja o que for eles tentam comer, é como se fosse a solução (P5).

Através da técnica de observação participante, foi possível perceber que a qualidade nutricional e sensorial da merenda é insatisfatória, distanciando do objetivo proposto pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE, que prevê que a alimentação deve atender às necessidades nutricionais durante a permanência dos alunos em sala, além de contribuir para formação de hábitos alimentares saudáveis (BRASIL, 2006).

Às vezes, o cardápio varia, mas tem tempo que é só sopa, aliás um caldo ralo, até mesmo as crianças mais carentes não aguentam, pois não é atraente para criança. O leite é extremamente raro, sendo este a base para o fortalecimento dos ossos; outra questão é a higiene precária, muitas vezes vem até mosca na comida (P1);

Não a merenda é as vezes sopa sem verduras ou bolachas, ou ainda doce, algumas vezes iogurte e chocolate (mais raro). A parte nutritiva fica apenas no cardápio espalhado pela comunidade, no entanto ainda não chegou na escola (P2);

Eu não acho de boa qualidade, estão tentando melhorar, a questão da alimentação escolar é muito carente com relação a vitaminas, nutrientes, agora como a fome é grande demais elas se sujeitam a comer qualquer coisa. Agora estão mandando iogurte, Nescäu, leite que são o que as crianças mais gostam (P3).

Há fatores que devem ser trabalhados na educação, como os culturais, configurados nas crenças, valores, estilo de vida e influência da mídia, frente aos quais todos são, a toda hora, convidados a degustar comidas industrializadas, como refrigerantes, sanduíches, frituras, enlatados, cujo teor nutritivo é mínimo.

A má nutrição pode ser uma junção de fatores culturais - como sofrer influência da mídia ou de outras pessoas com as quais convivem - e pessoais - como baixa condição econômica, ignorância e a idiossincrasia, que caracterizam

os fatores intensamente contribuintes para uma alimentação insatisfatória (MOYSÉS E LIMA, 1982).

Bom eles dizem que sim, porque vem uma bolacha diferente, um suplemento vitamínico, agora a qualidade em si não é boa, eu acho assim que determinados tipos de alimentos deveriam ser mais gostosos depois de prontos. Falta a mão de obra especializada, mas a fome é tamanha que se colocar pedra com açúcar em cima, todo mundo está comendo (P4);

Poderia ser melhor, é muito repetitiva, falta tempero, além da higiene (P5).

Ressalta-se que alimentos simples, mas, sobretudo, saudáveis são substituídos sob a influência poderosa da mídia, que é parte do cotidiano de famílias carentes, na maioria das vezes, única fonte de lazer. Portanto, a promoção da saúde surge como estratégia transformadora, visando conscientizar da necessidade de nutrientes associados à comida do dia-a-dia, contrapondo o discurso do senso comum centrado em uma espécie de “medicalização” (FROTA, 2003; SILVA, RECINE, QUEIROZ, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como proposta central investigar a relação entre a má alimentação nas crianças de uma escola da rede pública, que vivenciam situação de pobreza, e as consequências na aquisição do conhecimento em ambiente de educação formal.

O estudo destaca, portanto, a importância da reflexão das sociedades civis e governamentais quanto à qualidade da alimentação e, sobretudo, como aliada na formação escolar, visando a possibilidade de transformação desta realidade.

Cuidar da saúde alimentar e da educação das crianças significa fortalecer vínculo com a diáde comunidade escolar - família, buscando estreitar laços afetivos que permitam conhecer o cotidiano, com vistas à integração e à promoção de saúde, sobretudo criar estratégias de mudanças nos hábitos alimentares da criança. É válido ressaltar a necessidade de se constituírem equipes multidisciplinares nas escolas, em especial com a inclusão do nutricionista, fortalecendo o trabalho com um profissional da área da saúde, produzindo idéias somatórias que contribuam para a aprendizagem da criança, muitas vezes, submetida a condições precárias do meio, relacionadas à alimentação, à moradia, ao saneamento básico, enfim às sua condição socioeconômica e cultural.

Destaca-se a compreensão dos fatores sociais que oprimem e marginalizam, fazendo com que as pessoas

sejam excluídas da vida considerada saudável, negando-lhes o direito à moradia própria (com saneamento básico), saúde, lazer e alimentação balanceada, incluindo todos os nutrientes necessários, sendo estas condições distantes da realidade vivenciada pelas crianças do estudo.

Os educadores devem atentar para crianças que se mostram quietas e apáticas em relação às atividades desenvolvidas em sala de aula. Estes fatores sinalizam algo que, muitas vezes, pode se vincular à carência alimentar podendo ser confundidos com desinteresse e déficit de aprendizagem, assim como se vincular aos modos de ensinar e aos conteúdos apresentados e à ausência de correlação com o cotidiano de vida destas crianças e suas necessidades de vida e sobrevivência.

Chama-se a atenção para o momento do lanche, que pode ser realizado com criatividade e afetividade, compartilhada entre crianças e educadores, utilizando o caráter lúdico, característico da idade infantil, organizado de forma coletiva, favorecendo a interação, socialização e outras práticas educativas, como as noções de higiene, por exemplo, que devem ser fomentadas, sobretudo no âmbito familiar.

Crianças desnutridas ou com carência alimentar possuem dificuldade de assimilação, especialmente de adquirir linguagem, tendo em vista o fato de que a fome compromete o aprendizado, que faz parte do crescimento da criança e está relacionado a múltiplos fatores - biológico, social e afetivo, assim como o estímulo para atividades lúdicas - porém, como a brincadeira é inerente à criança, muitas vezes, desafia seu limite.

Diante destas considerações, evidencia-se o quanto a política educacional brasileira necessita de mudanças no que se refere à alimentação das crianças em idade escolar, bem como a uma vigilância alimentar e nutricional, por meio do Sistema de Informação sobre Vigilância Alimentar e Nutricional - SISVAN, que possibilitará uma precisão de dados estatísticos, fornecendo assim subsídios para implementação de um projeto político-pedagógico que contemple a merenda escolar para minorar as dificuldades encontradas no cotidiano das escolas públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Fome Zero. **Uma proposta de política de segurança alimentar para o Brasil**. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Djalma Guimarães; 2001

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE. **Programa Nacional de Alimentação Escolar**. Brasília: FNDE, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

CASTRO, I. R. R. **Efetividade da suplementação alimentar na recuperação de crianças desnutridas**. São Paulo: Editora Hucitec-NUPENS/USP, 1999.

COLLARES, C.; MOYSÉS, M.A. A história não contada dos distúrbios de aprendizagem. **Cadernos do CEDES**, Campinas, n.28, p.31-47, 1992.

COSTA, E.Q.; RIBEIRO, V.M.B.; RIBEIRO, E.C.O. Programa de alimentação escolar: espaço de aprendizagem e produção de conhecimento. **Rev. Nutr.**, Campinas, v.14, n.3, p. 225-229, 2001.

FERREIRA, H. S. **Desnutrição**: magnitude, significado social e possibilidade de prevenção Maceió: EDUFAL, 2000.

FROTA, M. A.; BARROSO, M.G.T. **Desnutrição Infantil na Família**: Causa Obscura. Sobral: UVA, 2003.

FROTA, M.A.; GURGEL, A.A.; PINHEIRO, M.C.D.; MARTINS M.C.; TATHIANA, T.A.N.R. O lúdico como instrumento facilitador na humanização do cuidado de crianças hospitalizadas. **Cogitare Enferm**, Paraná, n.12, v.1, p.69-75, 2007.

LEOPARDI, M. T. *et al.* **Metodologia da Pesquisa na Saúde**. Florianópolis - SC: UFSC/Pós-Graduação em Enfermagem, 2002.

LOPES, M. S. V.; VIEIRA, N. F. C. Cuidando da criança desnutrida, sobrevivendo apesar da adversidade do contexto familiar. In: BARROSO, M. G. T.; VIEIRA, N. F. C.; VARELA, Z. M. V. **Saúde da família II**: espaço de incertezas e possibilidades. Fortaleza: Sociedade Brasileira de Enfermeiros Escritores; 2005. p.43-56.

MDS. Ministério de Desenvolvimento Social. Dirigentes do MDS participam de seminário em Fortaleza (CE) sobre desigualdades sociais. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/>. Acesso em: 17 jul. 2008.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social - teoria, método e criatividade**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOYSÉS, M.A.A.; LIMA, G.Z. Desnutrição e fracasso escolar: uma relação tão simples? **Revista da Associação Nacional de Educação - ANDE**, São Paulo, n.5, p.57-81,1982.

PAIM, M.C.C. Desenvolvimento motor de crianças pré-escolares entre 5 e 6 anos. **Revista Digital**, Buenos Aires, n. 58, 2003.

REIS, A. M. C. *et al.* Prevalência da Desnutrição e do Aleitamento Materno Exclusivo - Estudo de alguns fatores. **Revista Nursing**, São Paulo, v. 69, n. 7, p. 32-38, 2004.

SAWAYA, S. M. Desnutrição e baixo rendimento escolar: contribuições críticas. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 20, n. 58, 2006.

SILVA, D. O. E.; RECINE, E. G. I. G.; QUEIROZ, E. F. O. Concepções de profissionais de saúde da atenção básica sobre a alimentação saudável no Distrito Federal, Brasil. **Cad Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 5, p. 1367-1377, 2002.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2007.

UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Situação Mundial da Infância**. Brasília: UNICEF, 2001.

_____. Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Situação Mundial da Infância**. Brasília: UNICEF, 2003.

VALLE, J. M. N.; EUCLYDES, M. P. A formação dos hábitos alimentares na infância: uma revisão de alguns aspectos abordados na literatura nos últimos dez anos. **Revista APS**, Juiz de Fora, v. 10, p. 56-65, 2007.

Submissão: maio de 2008

Aprovação: dezembro de 2008
